A. T. JERSILD, *La personalidad del maestro*, Editorial Paidós, Buenos Aires, 1965, 166 páginas.

O A. realiza neste livro um estudo empírico sôbre as preocupações pessoais do professor. Milhares de pessoas colaboraram de alguma forma para isso, com declarações escritas, entrevistas ou mediante experiências clínicas. A investigação realizada abrangeu quatro etapas: exame das reações que suscita a idéia da autocompreensão como meta básica educacional; uma série de entrevistas pessoais; estudo dos problemas pessoais expostos com respostas escritas num questionário e, finalmente, súmulas de discursos e discussões relacionados com vários aspectos da autocompreensão. O livro estuda profundamente as descobertas realizadas, sem entretanto ficar limitado a elas.

Dedica o Capítulo I ao tema da Ansiedade e sôbre êle elabora várias considerações interessantes. No fim do capítulo, o A. comenta os descobrimentos sôbre a reação do professor perante o conceito de ansiedade e as implicações correspondentes. Afirma que para ensinar devemos conhecer os alunos, assim como os obstáculos que dificultem o ensino e a aprendizagem. Para conhecer os alunos, é preciso admitir que a ansiedade represente em suas vidas e na vida do próprio professor importante papel. A criança que não aprende é freqüentemente uma criança ansiosa, mas para que o professor conheça seus alunos, e portanto, seus estados de ansiedades será necessário que se conheça a si mesmo e que trate de enfrentar suas próprias manifestações de ansiedade.

Expõe a seguir as teorias freudianas de Karen Horney, e as de Sullivan sôbre a ansiedade.

Particularmente elucidativo para o psicólogo escolar, bem como para todos que se dediquem ao ensino, é o capítulo em que o A. focaliza o problema Solidão.

Analisa os múltiplos fatôres existentes na escola que colaboram para manter os professôres isolados entre si. Estuda profundamente a solidão da criança, a ansiedade que experimenta ao sentir-se estranha ao grupo infantil, e por êle rejeitada, assim como o sentimento de carência de lar, experimentado pela criança como uma das mais tristes e amargas expressões de isolamento. Analisa também o sentimento no adulto, frisando a sensação de ansiedade dentro de si mesmo, experimentada mesmo quando esteja bem alojado e viva com a própria família, e a forma como, paradoxalmente, êsse sentimento se exarceba, justamente nos instantes em que o significado de lar alcança maior apogeu: no Natal, por exemplo.

De igual nível científico, profundo e ao mesmo tempo ameno e acessível é o capítulo III, sob o título "A procura de Sentido".

Esta procura implica um processo de enfrentar-se a sí mesmo para ajudar os outros, porque, como afirma o A., na procura do sentido da vida, e principalmente da vida dedicada ao ensino, está implícita a procura do próprio "ego". Onde há sentido, há captação; onde há significação, há convicção; e isso é bem diferente de conformismo, ou simples viver como uma máquina, ou perder a própria individualidade àquilo que Kierkegaard chamou "a multidão sem rosto". Onde falte o significado do trabalho pessoal do professor, o "ego" não está implicado. Falta a substância, pelo que o ensino se torna uma formalidade vazia. Quando as pessoas pensam que suas vidas carecem de sentido, experimentam certa sensação de desmoronamento e desalento.

Ainda nesse mesmo capítulo, discorre sôbre a humildade como algo crucial na busca do significado. Humildade: espécie de fôrça íntima, de dignidade que torna menos necessária a vinculação. É algo completamente diferente da debilidade. O homem humilde não o é por falta de coragem, mas pelo contrário: ser humilde implica na procura da verdade onde quer que ela se encontre, e não são tôdas as pessoas que têm a coragem dessa busca.

Fala brevemente sôbre isso no Capítulo IV, frisando a necessidade de ancorar seu poder como uma fôrça renovadora da vida e de procurar concordar com suas exigências, se quisermos dar o primeiro passo para a auto-aceitação e a autocompreensão.

Mais longo e profundo é o Capítulo V, cujo tema central é a hostilidade. Reflete sôbre a hostilidade exteriorizada, o sentimento de ser vítima de adultos e a utilização do amor para satisfazer propósitos de ódio, admitindo que muitas facetas da hostilidade são tão sutís e disfarçadas que dificilmente são reconhecidas. A hostilidade é, como efeito, muitas vêzes dissimulada sob forma de amor.

Original e sumamente interessante é o ítem em que o A. nos fala sôbre o direito à ira.

Focaliza, finalmente, a Comunidade de Sentimentos: sentir compreensão pela pessoa alegre ou triste significa mergulhar em sua própria alegria ou tristeza. O professor não pode limitar-se a querer saber o que se passa na mente do aluno, mas é essencial que se interesse por saber o que há no seu coração. Levanta diversas considerações sôbre o amor por si mesmo e pelos outros.

Termina o livro apresentando um interessante inventário de problemas pessoais e dos resultados obtidos em mil pessoas.

Êste livro, que se dirige principalmente a professôres, mas que também interessa a todos aquêles que se preocupam com problemas educacionais, levanta considerações profundas e científicas baseadas numa pesquisa séria, da qual se conclue que a educação deve ajudar crianças e adultos a se conhecerem a si mesmos e a desenvolver saudáveis atitudes de auto-aceitação.

ISABEL ADRADOS